

Um estudo sobre a avaliação externa na escola básica: contribuições de docentes

*A study on the external assessment in primary school:
contributions teachers*

Antônio Germano Magalhães Júnior¹
Solange Maria Santos Castro²
Maria Elizete Pereira Alencar Oliveira³

Resumo

A avaliação externa tem sido utilizada pelas políticas educacionais para conferir a qualidade da educação, do ensino e o desempenho dos estudantes das escolas públicas brasileiras. Desse modo, a escola se tornou um lugar de concretização dessas avaliações muitas vezes distanciadas da própria realidade da escola e da prática docente. Cabe, portanto, analisar como esse fenômeno está acontecendo em nossas escolas e quais as implicações dessa política, na prática docente. Nessa perspectiva, tomamos por base teórica os autores Hoffmann (1991); Perrenoud (1999) e Both (2008), que abordam a temática em estudo. Adotamos a abordagem de pesquisa qualitativa, tendo estudo de caso como método de investigação. Como procedimentos metodológicos, realizamos entrevistas, análise e categorização dos dados. A análise mostrou como aspectos positivos das avaliações na escola: 1) resultam em incentivo para que os alunos estudem; 2) revelam o nível de aprendizagem dos alunos; 3) redimensionam a prática pedagógica e 4) servem de direcionamento para um trabalho posterior. Foram destacados como aspectos negativos: 1) há conteúdos que são cobrados nas provas sem que os professores tenham ensinado; 2) ocorre um “estranhamento” por parte da comunidade escolar e dos pais, acarretando aos professores mais atividades. Apesar de todos os docentes entrevistados considerarem que a avaliação externa traz consequências positivas apontam divergências entre o que foi ensinado e o que é cobrado nas provas. Frente aos aspectos discutidos neste estudo, é importante que a avaliação externa no contexto escolar seja melhor investigada, para que sejam repensadas medidas para minimizar os distanciamentos, que de alguma maneira podem comprometer a educação de qualidade.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC

² Mestranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE UECE

³ Especialista em Educação Infantil e Gestão Escolar – UFC

Contatos: germano.júnior@uece.br; solc45@hotmail.com; elizaalencar@yahoo.com.br

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem. Prática Docente. Ensino Fundamental.

Abstract

The external evaluation has been used by educational policies to check the quality of education, the efficiency of teaching and student performance in Brazil's public schools. Thus, the school became a place of realization of these evaluation processes, which many times are distant from the school's reality and teaching practices applied there. Therefore, it is appropriate to analyze how this phenomenon is taking place in our schools and what are the implications of this policy on the teaching practice. From this perspective, we use as theoretical basis the authors Hoffmann (1991); Perrenoud (1999) and Both (2008), which deal with the subject under study. We adopted a qualitative research approach, while using case study as a research method. As methodological procedures, we conducted interviews, analysis and categorization of data. The analysis showed as positive aspects of assessments in school: 1) Their function as an incentive for students to study; 2) The revelation of the level of student learning; 3) Providing a new dimension of the pedagogical practice and 4) Serving as guidance for further work. Highlighted as negative aspects were: 1) Some subjects are used on tests without teachers having approached them in class; 2) There is a 'strangeness' felt by the school community and parents, leading to a bigger workload for teachers. Even though all of the interviewed teachers consider that external evaluation brings positive consequences, they also point out divergences between what has been taught and what is required on tests. Faced with the aspects discussed in this study, it is important that the external evaluation in the school context is better investigated, so that measures can be rethought to minimize the discrepancies between it and the schools' reality, which can anyway compromise the quality of education.

Keywords: Learning Evaluation. Teaching Practice. Elementary School.

Introdução

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, realizada em uma escola pública localizada no município de Fortaleza, com professores das turmas de 2º, 3º e 5º anos do ensino fundamental, em dezembro de 2014. Seu objetivo foi analisar como as práticas de avaliação externa se articulam à prática docente da escola básica. A pesquisa envolveu estudos sobre a avaliação da aprendizagem, tendo como referência os autores Hoffmann (1991), Perrenoud (1999), Both (2008), entre outros. Além disso, realizamos entrevistas, análise e categorização dos dados, tendo como método o estudo de caso.

Desde a década de 1990, a avaliação tem sido utilizada pelas políticas educacionais para conferir a qualidade da educação, do ensino e o desempenho dos estudantes, interferindo na escola e na prática docente. A escola tornou-se lugar de concretização de processos avaliativos considerados como um esforço geral para qualidade da educação. Desse modo, faz-se necessário analisar como esse fenômeno está acontecendo na escola básica.

Entendemos que a avaliação da aprendizagem contribui para a prática dos professores quando realizada de maneira crítica e transformadora, de modo que favoreça o ensino e a aprendizagem. Hoffmann (1991) defende a avaliação como uma prática dialógica, na qual o conhecimento é construído por alunos e professores, envolvendo a ação e a reflexão, em processo contínuo. Durante esse processo, os professores podem refletir criticamente sobre as situações do cotidiano da sala de aula e buscar soluções que minimizem os problemas, criando novas perspectivas de avaliar, sem que isso aconteça necessariamente através de provas ou testes. Hoffmann (1991) também considera que a avaliação não deve se configurar como um ato de julgamentos e resultados, pois caso não sejam feitas as devidas intervenções, isso compromete a aprendizagem dos alunos. A autora entende que as avaliações não devem ser vistas como um instrumento de medir desempenho, mas também para aprimorar as relações entre professores, comunidade, escola e alunos. Nessa condição, é possível, a partir dos resultados, formular hipóteses e buscar soluções, observando de maneira contínua o sentido dos erros (HOFFMAN, 1991).

Considerando esses aspectos, entendemos que avaliar um aluno não representa o veredito final de que ele não conseguiu superar suas dificuldades, mas um meio de identificar limites e tentar superá-los, sem constrangimentos. Desse modo, a avaliação se descaracteriza do autoritarismo e aponta para uma perspectiva de transformar situações complexas em aprendizagens significativas para alunos e professores.

De forma semelhante, na concepção de Perrenoud (1999), a avaliação da aprendizagem não deve ser realizada com o objetivo de apresentar resultados, mas de trazer contribuições para alunos, gestores e, ainda, para a construção do currículo. Perrenoud (1999) defende que a avaliação da aprendizagem deve ser utilizada como uma prática interativa, que se desenvolve com observações em tempo real. Não deve ser realizada de modo a classificar ou desclassificar os alunos em virtude de uma norma de notas. Classificá-los como exitosos

ou fracassados representa um julgamento equivocado da capacidade de aprendizagem dos alunos que, por algum motivo, não alcançaram os resultados esperados.

É preciso que as avaliações sejam desenvolvidas em caráter formativo, nas quais os professores observem, registrem dificuldades, avanços e reflitam criticamente suas ações, aperfeiçoando permanentemente sua prática. Nesse processo, é necessário considerar o aluno em sua globalidade psicossocial, respeitando tanto a sua individualidade quanto a sua condição de “ser-com-o-outro”. Ao mesmo tempo, a avaliação se torna um agente comunicativo da aprendizagem, processo que, segundo Both (2008), é desenvolvido mediante os resultados e a relevância dos dados levantados para a tomada de decisão. Portanto, entendemos que os dados resultantes de uma avaliação são significativos para que os professores realizem suas intervenções pedagógicas, aperfeiçoem suas práticas e os alunos superem suas dificuldades. Sendo assim, quando se considera o seu caráter formativo, a avaliação se desenvolve em processo investigativo, daí resulta em indicativos para mudanças na escola como um todo.

Com relação às avaliações externas, as exigências decorrentes dessa política na escola levaram alunos e professores a mudar sua rotina escolar, tendo ocorrido certo estranhamento e pouca adesão por parte da comunidade escolar, mesmo que cumprissem todos os requisitos. Sobre esse aspecto, Vidal et al. (2003), ao escreverem sobre os limites e as potencialidades da avaliação no contexto escolar, destacam que ainda se fazem necessárias mudanças.

Apesar da transparência dos resultados dos sistemas de avaliação permanente da educação básica, que são amplamente discutidos e apresentados nos diversos setores da sociedade, os autores ressaltam que, sem a adesão por parte dos professores, será complexo alcançar resultados mais satisfatórios. No ensino fundamental, não é diferente; é através da avaliação permanente que temos os resultados – favoráveis ou não – da aprendizagem dos alunos (VIDAL et al., 2003). Para que a avaliação cumpra a sua função social, ela precisa ser realizada na perspectiva da construção da cidadania. Conforme Aragão (2014), não se concebe mais a avaliação que antes se limitava apenas à verificação do rendimento escolar. Essa maneira de avaliar não atende mais às necessidades dos educandos.

1 O lócus da pesquisa, método e procedimentos

Neste tópico, discorreremos sobre a escola, o tipo de pesquisa, o método e a técnica utilizada. A escola onde foi realizada a pesquisa existe desde 1972 e surgiu das necessidades da comunidade pela educação. Atualmente, a instituição oferece o ensino fundamental e a educação de jovens e adultos (EJA), atendendo a uma clientela carente de seu bairro de origem e adjacências. O nome da instituição será mantido em sigilo para preservar a sua identidade.

A escola tem como objetivo promover a formação para o exercício da cidadania, por meio do desenvolvimento da capacidade cognitiva, afetiva, física, ética, estética e de atuação e inserção na sociedade. Baseia-se nos indicadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que visam a formação de alunos capazes de compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade e cooperação.

A instituição apoia-se na concepção socioconstrutivista-interacionista de desenvolvimento e aprendizagem, que se caracteriza pela conquista do conhecimento mediada por interações sociais. Para isso, prioriza estratégias metodológicas que propiciam a construção de conhecimentos pelo educando. Defende que a criança constrói o conhecimento a partir de suas descobertas, relacionando-se com o outro e com a realidade em que está inserida. Portanto, o trabalho de educar não deve se limitar a transmitir conteúdos; ele deve favorecer a criticidade e a construção do conhecimento pelo aluno.

Concernente à pesquisa qualitativa, Minayo (1993) afirma que a abordagem se volta para o mundo dos significados, crenças, relações e atitudes. A autora menciona que, nas pesquisas qualitativas, os fenômenos não se reduzem à quantificação de dados, embora os dados quantitativos sejam utilizáveis nessa abordagem. De acordo com André (1995), em pesquisas qualitativas, é normal a presença de números. A autora destaca que há uma relação intrínseca entre qualidade e quantidade. Muitas pesquisas demonstram quantidades, mas numa dimensão qualitativa, ou seja, os dados quantitativos servem de apoio para as análises qualitativas (GATTI, 2004; GAMBOA, 2007).

Sobre o uso de entrevistas em pesquisa, Minayo (2007, p. 64) afirma que “a entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador”, sendo utilizada para a busca de informações sobre determinado tema científico.

Para este estudo, adotamos a entrevista semiestruturada, por permitir “maior flexibilidade nas respostas, que podem enriquecer a temática investigada” (MATOS e VIEIRA, 2001, p. 63) e possibilitar a “obtenção de dados comparáveis entre os vários sujeitos” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 135). Os sujeitos são três professores do ensino fundamental, a coordenadora pedagógica e o diretor de uma escola pública do município de Fortaleza. A escolha desse número de professores é suficiente para este estudo, pois favorece uma visão básica, de maneira significativa e objetiva, a respeito de como está a aplicação das avaliações nas escolas.

Justificamos que esses professores foram abordados porque entendemos que eles atendem à necessidade desta investigação de compreender qual a contribuição das avaliações externas para a prática de professores que lecionam nas séries de 2º, 3º e 5º ano do ensino fundamental, dando margem, ainda, para que possamos verificar a participação da escola, professores e gestores nesse processo.

Com relação ao método estudo de caso, ele consiste em um estudo detalhado de um objeto ou objetos, sendo bastante utilizado nas ciências biomédicas, por exemplo. Nas ciências sociais, alguns pesquisadores encontram certa dificuldade, porque não conseguem perceber a diferença entre um acontecimento e seu contexto como um todo, e isso muitas vezes até impede a visualização de procedimentos, como os experimentos e levantamentos. Antigamente, o estudo de caso era apenas de teor exploratório; hoje, porém, é indicado para a averiguação de um acontecimento contemporâneo pertencente a um contexto real. O seu propósito é de estudar ocorrências da vida real, manter as características unitárias de um objeto estudado, detalhar o contexto do que se está investigando, elaborar possibilidades ou fomentar teorias, explicar de maneira precisa as alterações de determinados acontecimentos que se utilizam de levantamentos e experimentos (GIL, 2002).

De acordo com Yin (2005), é uma das maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais e pode ser utilizada quando se trabalha com questões do tipo “como” e “por que”, ou ainda quando pouco ou nada se sabe sobre um acontecimento e quando o foco da investigação é um fenômeno da vida real. Os estudos de caso podem ser exploratórios e são considerados como uma investigação empírica que abrange planejamento, coleta e análise dos dados. São características gerais de um estudo de caso: a) requer a observação direta do acontecimento investigado e entrevistas com os participantes da pesquisa;

b) lida com várias evidências (documentos, observações, entrevistas etc.); c) recorre a proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados. A seguir, discorreremos sobre o processo de coleta, a análise e os resultados da pesquisa.

2 A análise das entrevistas: contribuições de docentes de anos iniciais do ensino fundamental

Antes de apresentarmos o resultado da análise, faz-se necessário dizer que a entrevista aconteceu após a aplicação de uma avaliação do Programa de Avaliação na Idade Certa (PAIC) com alunos do 2º ano do ensino fundamental. Observamos que houve “agitação” por parte dos estudantes, sendo necessárias intervenções das professoras até que eles estivessem concentrados na atividade. Ao término das provas, os alunos receberam jogos educativos relacionados ao conteúdo ensinado nas aulas. Em seguida, iniciamos as entrevistas. Os professores destacaram aspectos recorrentes para que sejam repensadas as avaliações externas no contexto escolar. Antes de discutirmos esses aspectos, expomos, no Quadro 1, o perfil de formação dos educadores entrevistados.

Quadro 1 – Perfil de formação dos docentes entrevistados

Professores	Formação	Ano	Atividade
Docente 1	Pedagogia/Licenciatura Especialização em Gestão Escolar	---	Diretor
Docente 2	Pedagogia/Licenciatura Didática do Ens. Fund. e Médio	---	Coordenadora
Docente 3	Pedagogia/Licenciatura Alfabetização	2º ano	Professora
Docente 4	Pedagogia/Licenciatura Psicopedagogia	3º ano	Professora
Docente 5	Pedagogia/Licenciatura Psicopedagogia	5º ano	Professora

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme mostra o Quadro 1, os educadores possuem licenciatura em Pedagogia, mas apenas três atuam como professores: duas possuem especialização em psicopedagogia e a outra é especialista em alfabetização. Já o gestor é especialista em gestão escolar e a coordenadora possui licenciatura em didática para o ensino fundamental e médio.

Inicialmente, quando questionado sobre a avaliação, o diretor da escola afirmou que as avaliações direcionam a escolha de metodologias e conteúdos utilizados pelos professores. Ao falar sobre esse assunto, o educador revela ser de suma importância a aplicação das avaliações para analisar individualmente o nível de aprendizagem dos alunos:

É a partir dos resultados das avaliações externas que podemos direcionar os conteúdos e as metodologias para melhorar o ensino aprendizagem. Esses resultados são trabalhados junto aos professores para encontrar soluções que visualizem a melhoria da qualidade da escola. As avaliações externas servem para analisar individualmente o nível de aprendizagem de cada aluno, através da análise dos descritores críticos e de um trabalho direcionado para cada estudante, envolvendo professores e coordenação. A partir da análise dos resultados, é possível ter informações necessárias para se mudar a prática dos professores, partindo para uma qualificação no ensino, pois as avaliações externas oferecem uma referência sobre o trabalho realizado. Os professores nem sempre veem com bons olhos, pois a avaliação, muitas vezes, coloca em questão a qualidade do trabalho realizado pelos mesmos, porém aqueles que concordam conseguem tirar um bom proveito dos resultados. Como negativo, uma avaliação não consegue medir o resultado de um trabalho de um ano inteiro, como positivo; serve como referência para um direcionamento do trabalho posterior.

Conforme o gestor, os resultados das avaliações externas contribuem para redimensionar a prática dos professores, à medida que são definidos conteúdos e metodologias, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da escola. Além desse aspecto, enfatiza o papel das avaliações na análise do nível de aprendizagem de cada aluno. Como aspecto negativo, ele aponta que uma avaliação não consegue medir o resultado do trabalho de um ano inteiro; como aspecto positivo, a avaliação serve de direcionamento para trabalho posterior. Da mesma maneira, a coordenadora pedagógica comenta aspectos positivos e negativos dos processos de avaliação na escola, ressaltando que, apesar de terem acontecido resistências a essas avaliações por parte dos professores, isso tem mudado e os docentes estão mais atentos à prática, conforme lemos na citação em destaque:

A contribuição é que ela dá o índice de nível que os alunos estão. Dá uma leitura com resposta do nível de aprendizado dos

alunos. O que se percebe é que eles, os alunos, são estimulados a estudar mais, mas nem todos conseguem acompanhar essa prática, pois a cultura de estudar é algo difícil. O que se percebe é que os professores ficaram mais atentos para as revisões, para rever a prática, bem como sua metodologia. No início, houve uma grande resistência, hoje há uma menor resistência, porque está como obrigação, como algo imposto. Aspecto positivo: a prova serve como ferramenta para revisar determinados conteúdos, ela sinaliza o que se deve estudar e dá subsídio a nível do próprio conhecimento do aluno. Aspecto negativo: o conteúdo é antecipado na prova, o que muitas vezes ainda vai ser repassado para os alunos.

Mediante o depoimento da coordenadora, a avaliação mostra o nível de aprendizagem e, ao mesmo tempo, favorece o interesse dos alunos pelos estudos. Como aspecto negativo, e ressaltou o fato de o conteúdo ser antecipado nas avaliações, ou seja, de se exigir dos alunos um conteúdo que ainda não foi ensinado. Essa situação mostra a necessidade de se repensar o currículo e a participação da escola, gestores e professores nesse processo. Já a docente 3, que leciona no 2º ano, considera a avaliação importante para a tomada de decisões e afirma que as avaliações são ricas em temas e conteúdos, porém destaca pontos negativos desse processo. Assim, conforme a professora entrevistada:

As avaliações externas servem para nortear as medidas que devem ser realizadas na escola frente ao resultado obtido. Na escola, na prática, ela funciona mais como uma cobrança do sistema por resultado, sem uma análise mais elaborada dessas importantes avaliações. É um medidor da qualidade educacional e favorece ao aluno um contato com um formato de avaliação no mesmo aspecto de outras que acontecerão posteriormente, além de ser uma avaliação contextualizada e rica em temas e conteúdos. Na realidade da escola em que trabalho, como os resultados foram bons, ficamos em evidência junto à Regional e bem vistos com a comunidade escolar. Alguns se sentem cobrados e, de certa forma, pressionados; outros continuam fazendo seus trabalhos continuamente. Aspectos positivos: reavaliação do sistema de ensino, formato das avaliações, equalização do ensino. Aspectos negativos: muita exigência do sistema de ensino, sem a contrapartida às escolas e pouca assistência da comunidade escolar aos alunos.

A docente 3 traz outro ponto para refletir: “[...] muita exigência do sistema de ensino sem a assistência da comunidade escolar aos alunos”. Esse aspecto evidencia que se impõe ao professor responsabilidades de toda a comunidade escolar. A docente 4 destacou pontos negativos e positivos das avaliações externas. Em sua visão, precisaria ter uma devolutiva das provas em notas para os pais e alunos. Afirma, ainda, que as provas nivelam as escolas em termos de conteúdos, conforme mostra a citação a seguir:

Em parte é bom para nivelar as escolas. É ruim porque os alunos passam por um processo desnecessário, que é o vestibular. Há falha em não ter no mesmo ano uma devolutiva em notas para os alunos e pais. A gestão passou a ver essas séries com mais atenção e doam materiais para facilitar o aprendizado, é um momento de expectativa. Temos que passar segurança e confiança. Alguns dizem que caiu o que foi estudado. Outros falam que estava fácil, mas já há aqueles que reclamam dos textos serem longos para uma só pergunta.

Consoante as formulações de Both (2008), entendemos que a verificação sem uma mediação é um ato estático que não possibilita mudanças significativas. Desse modo, convém concordar ainda com Both (2008) quando ele afirma que a avaliação precisa ser um processo construtivo, no qual o aluno consiga superar suas dificuldades durante a sua trajetória de aprendiz. Nesse sentido, a avaliação deve realimentar o planejamento, tendo em vista a “[...] sua função de diagnosticar, acompanhar e possibilitar o desenvolvimento do educando” (TEIXEIRA et al., 2011, p. 46). Já a docente 5, professora do 5º ano do ensino fundamental, ressalta que essas provas movimentam toda a escola, mas se distanciam da realidade desta:

Ela movimenta a escola toda, mexe com toda a estrutura da escola, mexe com o planejamento do professor, até mesmo porque ela é totalmente fora da realidade da escola; por exemplo, ela traz um conteúdo que muitas vezes o professor ainda não deu em sala. Mas, apesar disso, ela tem o seu aspecto beneficiador, que é trazer informações. Traz mais informações para os alunos, ela motiva os alunos a estudarem mais. Melhorou muito o aprendizado dos alunos, porque os professores passaram a se preocupar mais. Os professores, de forma geral, não gostam porque eles trabalham mais, mas, de maneira específica, eu gosto, porque facilita o aprendizado e

traz o foco do ensino com objetividade. Aspecto negativo: tem conteúdos que ainda não se aplicou em sala. Aspecto positivo: qualifica o ensino, porque traz mais conhecimento.

Conforme Perrenoud et al. (1993, p. 47), “mudar a avaliação significa provavelmente mudar a escola”. Com todas essas mudanças que a avaliação vem causando, é preciso refletir como a aprendizagem está acontecendo e se realmente os alunos estão aprendendo. De alguma maneira, quando a escola deixa de atender àqueles alunos que precisam de mais intervenções pedagógicas, acaba excluindo-os. Assim, percebemos que a avaliação externa apresenta resquícios de uma prática que vem para mensurar, selecionar e apresentar resultados.

Considerações finais

De acordo com o que mencionamos no início deste trabalho, nosso objetivo é refletir criticamente sobre a avaliação externa no contexto da escola básica. Para tanto, analisamos como essa prática se articula com a prática docente. Entendemos que, na perspectiva de Hoffmann (1991), Perrenoud (1999) e Both (2008), a avaliação precisa ser vista não como um fim em si mesma, mas como um processo de reflexão e transformação, a fim de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, para mudanças na prática docente e para a educação de qualidade. Nesse contexto, comunidade escolar, pais, alunos e o sistema de ensino precisam encontrar soluções para minimizar os distanciamentos entre as avaliações externas e a realidade da escola, dos alunos e dos professores.

Concordamos com Libâneo (2011, p. 90) ao afirmar que “as políticas educacionais devem subordinar-se às políticas educativas para a escola e para o trabalho em sala de aula”. Não se pode desconsiderar o caráter formativo, educativo e transformador da avaliação em nome de políticas que priorizam o currículo formal e esperam que normas prescritas se efetivem na escola sem uma articulação com a “realidade concreta do ensino”. Apesar de todos os docentes entrevistados considerarem que as avaliações trazem consequências positivas – como o incentivo para que os alunos estudem, a necessidade de rever conteúdos e metodologias, e o reconhecimento do nível de aprendizagem dos alunos –, a avaliação externa tem causado “estranhamento” na escola, visto que duas professoras demonstraram haver divergências entre o que foi ensinado

e o que é cobrado nas provas. Frente aos aspectos discutidos neste estudo, é importante que a avaliação externa no contexto escolar seja melhor investigada, a fim de que sejam repensadas medidas para minimizar os distanciamentos, os quais, de alguma maneira, podem comprometer a educação de qualidade.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 10. ed. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1995.

ARAGÃO, Maria Mercês Rodrigues dos Santos. A avaliação educacional sob o prisma da regulação nacional. In: MORAES, Ana Cristina de; XEREZ, Antônia Solange Pinheiro, LIMA, Daniel Cassiano. *Políticas educacionais práticas e proposições*. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 197-211.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOTH, Ivo José. *Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina*. Curitiba: Ibplex, 2008.

GATTI, A. Bernadete. Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos, 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRÉGOIRE, Jacques. Avaliação Educacional. In: GREMAUD et al. *Guia de estudo: avaliação continuada*. Juiz de Fora: Fadepe, 2009. p. 21-23.

LIBÂNEO, José Carlos. Escola pública brasileira, um sonho frustrado: falharam as escolas ou as políticas educacionais? In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (Orgs.). *Didática e escola em uma sociedade complexa*. Goiania, CEPED, 2001. p. 75-95.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1991.

MATOS, K. S. L. de. VIEIRA, S. L. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARO, Vitor Henrique. *Reprovação escolar: renúncia à educação*. São Paulo: Xamã, 2001.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TEIXEIRA, Flávia Regina de Góis; DIAS, Ana Maria Iório (Orgs.). *Diretrizes curriculares para o ensino fundamental do sistema público municipal de ensino de Fortaleza*. Fortaleza: Secretaria Municipal de Educação, 2011.

VIDAL, Eloísa Maia et al. *Avaliação Institucional*. Fortaleza: EdUECE, 2003.

YIN, Robert L. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Data da submissão: 15/02/15

Data do aceite: 01/04/15